

JANE  
& LANTERN HILL



LUCY MAUD MONTGOMERY



# JANE

DE LANTERN

HILL

TRADUÇÃO: RAFAEL BONALDI



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês  
*Jane of Lantern Hill*

Revisão  
Fernanda R. Braga Simon

Texto  
Lucy Maud Montgomery

Produção editorial e projeto gráfico  
Ciranda Cultural

Tradução  
Rafael Bonaldi

Imagens  
Nimaxs/shutterstock.com;  
Ola-ola/shutterstock.com

Preparação  
Adriane Gozzo

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

---

M787j Montgomery, Lucy Maud  
Jane de Lantern Hill / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por  
Rafael Bonaldi. - Jandira, SP : Principis, 2020.  
256 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Literatura Clássica Mundial)

Tradução de: Jane of Lantern Hill  
Inclui índice.  
ISBN: 978-65-5552-169-6

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. I. Bonaldi,  
Rafael. II. Título. III. Série.

2020-2414

CDD 028.5  
CDU 82-93

---

**Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410**

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

# SUMÁRIO

Capítulo 1 .....	9
Capítulo 2 .....	14
Capítulo 3 .....	23
Capítulo 4 .....	28
Capítulo 5 .....	33
Capítulo 6 .....	38
Capítulo 7 .....	44
Capítulo 8 .....	49
Capítulo 9 .....	52
Capítulo 10 .....	59
Capítulo 11 .....	63
Capítulo 12 .....	67
Capítulo 13 .....	71
Capítulo 14 .....	76
Capítulo 15 .....	84
Capítulo 16 .....	88
Capítulo 17 .....	96
Capítulo 18 .....	102
Capítulo 19 .....	112
Capítulo 20 .....	116
Capítulo 21 .....	121
Capítulo 22 .....	125
Capítulo 23 .....	132

L. M. MONTGOMERY

Capítulo 24 .....	140
Capítulo 25 .....	144
Capítulo 26 .....	154
Capítulo 27 .....	163
Capítulo 28 .....	168
Capítulo 29 .....	175
Capítulo 30 .....	181
Capítulo 31 .....	184
Capítulo 32 .....	191
Capítulo 33 .....	195
Capítulo 34 .....	198
Capítulo 35 .....	205
Capítulo 36 .....	211
Capítulo 37 .....	217
Capítulo 38 .....	225
Capítulo 39 .....	233
Capítulo 40 .....	239
Capítulo 41 .....	246
Capítulo 42 .....	250
Capítulo 43 .....	253

*À memória de “Lucky”  
O camarada charmoso e carinhoso de 14 anos*







## CAPÍTULO 1

Jane sempre achou que a Rua da Alegria não fazia jus ao nome.

Não tinha dúvida de que era a rua mais melancólica de Toronto... embora não tivesse passado por muitas ruas em seus onze anos de idas e vindas pela cidade.

“A Rua da Alegria deveria ser ALEGRE, com casas simpáticas e alegres em meio a flores que exclamariam ‘como vai?’ ao passarmos por elas, com árvores que acenariam e janelas que piscariam para nós ao entardecer”, pensava Jane. Em vez disso, era sombria e lúgubre, ladeada de casas com muros de tijolos tradicionais e nefastos, encardidos pelo tempo, cujas janelas altas, fechadas e cobertas jamais cogitariam piscar para alguém. As árvores da Rua da Alegria eram tão antigas, grandes e imponentes que era difícil considerá-las árvores em comparação àquelas coisinhas desamparadas nos vasos verdes, à entrada do posto de gasolina na esquina oposta. Vovó ficou furiosa quando a velha casa dos Adams foi demolida e o novo posto branco e vermelho foi construído no lugar. Não deixava que Frank abastecesse lá. “No entanto, era o único lugar alegre da rua”, pensava Jane.

Jane morava no número 60. Era uma construção imensa e acastelada, com pilares no pórtico de entrada, janelas georgianas altas

e arqueadas, torres e torreões em todos os cantos imagináveis. Uma cerca de ferro a protegia, com portões de ferro forjado – cujo estilo estivera na moda em Toronto, em outros tempos – que eram fechados e trancados por Frank à noite, o que causava em Jane uma sensação muito desagradável de ser prisioneira.

O terreno ao redor do número 60 era maior que na maioria das outras casas da rua. Havia um gramado considerável na frente, apesar de a grama não crescer direito por causa da fileira de árvores velhas do lado de dentro da cerca, e um bom espaço entre a lateral da casa e a rua Bloor, embora insuficiente para abafar o barulho incessante da via, que se tornava mais movimentada na esquina com a Rua da Alegria. As pessoas se perguntavam por que a velha senhora Robert Kennedy continuava morando ali se era rica e podia comprar uma das casas novas e adoráveis na Forest Hill ou na Kingsway. Os impostos de uma propriedade do porte da de número 60 deviam ser exorbitantes, e a casa era bem antiquada. A senhora Kennedy sorria com desdém quando tocavam no assunto, mesmo que fosse pelo filho, William Anderson, único membro da primeira família que ela respeitava, pois tornara-se bem-sucedido nos negócios e rico por mérito próprio. Ela nunca o amou, mas ele fizera por merecer seu respeito.

A senhora Kennedy estava perfeitamente satisfeita com o número 60. Chegara ali recém-casada com Robert Kennedy, na época em que a Rua da Alegria era um dos endereços mais prestigiados, e a casa, construída pelo pai de Robert, uma das “mansões” mais finas de Toronto. Isso jamais mudara aos olhos da anfitriã, que ali morava havia quarenta e cinco anos e pretendia ficar pelo resto da vida. Aqueles que não quisessem que fossem embora. Ela dissera isso com olhar sarcástico a Jane, que nunca afirmou não gostar da Rua da Alegria. No entanto, Jane descobrira havia muito tempo que a avó sabia ler mentes.

Certa vez, em uma manhã cinzenta de muita neve, enquanto esperava no Cadillac que Frank a levasse à St. Agatha, como fazia todos os dias, ela ouviu duas mulheres paradas na esquina conversando.

JANE DE LANTERN HILL

– Já viu uma casa mais morta que essa? – disse a mais jovem. – Parece que está morta há décadas.

– Aquela casa morreu trinta anos atrás, quando Robert Kennedy faleceu – disse a mais velha. – Já foi um lugar cheio de vida. Nenhuma outra em Toronto dava tantas festas. Robert Kennedy tinha vida social agitada. Era um homem muito bonito e afável. As pessoas não entendiam como acabou se casando com a senhora James Anderson... viúva com três filhos. O nome de solteira dela é Victoria Moore, sabe? É filha do velho coronel Moore... vem de uma família muito aristocrática. Era muito linda na época e caidinha por ele! Ah, ela o venerava. Dizem que o vigiava constantemente. E que não dava a mínima para o primeiro marido. Robert Kennedy morreu depois de quinze anos de casado... logo após o nascimento da primeira filha, pelo que ouvi falar.

– Ela mora sozinha naquele castelo?

– Oh, não. As duas filhas moram com ela. Uma delas é viúva, ou algo do tipo... E também uma neta, creio. Dizem que a velha senhora Kennedy é uma tirana; todavia, a filha mais nova, a viúva, vai a todos os eventos anunciados no jornal *Saturday Evening*. É muito formosa... e como se veste bem! É filha do Kennedy e puxou ao pai. Ela deve detestar receber os amigos. Esse lugar é pior que morto... é decrépito. Lembrome de quando essa rua era uma das mais badaladas para morar. Veja só agora.

– Um nobre maltrapilho.

– Nem isso. Ora, o número 58 é uma pensão. Mas a velha senhora Kennedy manteve a casa em bom estado, apesar de a tinta estar começando a descascar nas sacadas, como pode ver.

– Bem, fico feliz por não morar na Rua da Alegria – riu a outra, conforme corriam para pegar o bonde.

“Não me admira”, pensou Jane. Se bem que ela não saberia dizer onde gostaria de morar se não fosse no número 60 da Rua da Alegria. A maioria das ruas pelas quais passava a caminho da St. Agatha era feia

e desinteressante, tendo em vista que a escola particular muito cara e exclusiva que a avó a obrigava a frequentar se encontrava agora em uma área desvalorizada e populosa. Entretanto, aquilo não fazia diferença... a St. Agatha seria a St. Agatha até no deserto do Saara.

A casa de tio William Anderson, em Forest Hill, era muito bonita, com jardins impecáveis e trilhas de pedras. Mesmo assim, ela não gostaria de morar lá. Dava até medo de caminhar pelo gramado estimado de tio William e estragar alguma coisa. Era preciso manter-se nas trilhas de pedras. E Jane queria correr. Também não era permitido correr na St. Agatha, exceto na hora de brincar. E Jane não era boa em brincadeiras; sempre se sentia encabulada. Aos onze anos, tinha a altura da maioria das garotas de treze. Era a menina mais alta da classe. As outras não gostavam disso e faziam com que Jane se sentisse como se não se encaixasse em nenhum lugar.

Contudo, no número 60... alguém já havia corrido naquela casa? Jane acreditava que a mãe já fizera isso... Os passos da mãe eram tão leves que seus pés pareciam ter asas. Um dia, Jane acreditou que a avó havia saído e ousou correr da porta da frente até a dos fundos, atravessando a extensa casa, que ocupava metade do comprimento do quarteirão, enquanto cantava a plenos pulmões, quando a avó surgiu da sala de café da manhã com o sorriso no rosto lívido que Jane detestava.

– Qual é o motivo de toda essa algazarra, Victoria? – perguntou, com aquela voz sedosa que Jane detestava ainda mais.

– Estava só me divertindo – explicou Jane. Parecia tão simples. Entretanto, a avó sorriu outra vez e disse, como só ela era capaz dizer:

– Se eu fosse você, não faria isso de novo, Victoria.

Jane não voltou a fazer aquilo. Era o efeito que a avó exercia sobre ela, apesar de ser tão nanica e encarquilhada... tão baixinha que Jane, com sua languidez e as pernas compridas, era quase da mesma altura.

Jane detestava ser chamada de Victoria. Mas todo mundo a chamava assim, exceto a mãe, que a chamava de Jane Victoria. Ela sabia que a avó

## JANE DE LANTERN HILL

se ressentia disso... que, por alguma razão desconhecida, a avó odiava o nome Jane. Jane gostava... e nunca se imaginara com outro nome. Ela sabia que se chamava Victoria em homenagem à avó, mas não fazia ideia de onde vinha o nome Jane. Não havia nenhuma Jane nas famílias Kennedy e Anderson. Aos onze anos, começava a suspeitar de que vinha dos Stuarts – o que entristecia Jane, pois não era agradável pensar que ganhara seu nome favorito graças ao pai. Jane o odiava com todo o ódio que cabia em um coraçãozinho incapaz de detestar qualquer pessoa, até a avó. Às vezes, receava odiar a avó – o que seria horrível, sendo que ela a alimentava, a vestia e a educava. Jane sabia que deveria amar a avó... porém, era muito difícil. Aparentemente, a mãe achava fácil; todavia, a avó a amava, o que fazia uma grande diferença. A avó a amava como nunca amara mais ninguém no mundo. E também amava Jane, sem dúvida. Mas Jane sentia, embora ainda não se desse conta disso, que a avó não gostava do fato de a filha dela amar tanto a própria filha.

– Você a mimia demais – dissera a avó, certo dia, com menosprezo, quando Jane estava com dor de garganta.

– Ela é tudo que tenho – respondera a mãe.

O rosto pálido da avó enrubesceu.

– Eu não sou nada, decerto – retrucou.

– Oh, mamãe, mamãe, você sabe que eu não quis dizer ISSO – lamentou, agitando as mãos como sempre fazia a garota pensar em duas pequenas borboletas brancas. – Quero dizer... quero dizer que... ela é minha única filha.

– E o seu amor por aquela criança... a filha dele... é maior que o amor que você tem por mim!

– Maior, não... só diferente – suplicou a mãe.

– Ingrata! – Quanto veneno a avó conseguia imbuir em apenas uma palavra! Ela então saiu da sala, com o rosto ainda corado e os olhos azul-claros flamejando sob os cabelos ruços.



## CAPÍTULO 2

– Mamãe – disse Jane, apesar das amígdalas inchadas –, por que a vovó não quer que você me ame?

– Querida, não é bem assim – respondeu a mãe, curvando-se para dar um beijo na filha, que parecia uma flor sob a luz rósea do abajur.

Mas Jane sabia que era. Compreendia por que a mãe raramente a beijava ou lhe fazia carinho na presença da avó. Aquilo despertava uma raiva furtiva e petrificante que parecia congelar o ar ao redor dela. Jane era grata por a mãe não fazer isso com frequência. Ela compensava quando estavam sozinhas... Não obstante, as duas quase nunca conseguiam ficar a sós. Mesmo nesse dia em questão, passariam pouco tempo juntas, pois a mãe ia a um jantar. Ia a algum evento quase todas as noites e quase todas as tardes. Jane adorava vê-la momentos antes de sair de casa. A mãe sabia disso e geralmente inventava algum pretexto para que a filha pudesse admirá-la. Usava vestidos lindos que sempre a deixavam deslumbrante. Jane estava certa de ter a mãe mais bonita do mundo. Começava a se indagar como uma pessoa tão bela podia ter uma filha tão insossa e desajeitada como ela.

## JANE DE LANTERN HILL

– Você nunca será bonita... sua boca é grande demais – dissera a ela uma das garotas da escola.

A boca de mamãe era como um botão de rosa, pequena e vermelha, com uma covinha em cada canto. Os olhos dela eram azuis... mas não do mesmo tom gélido dos da vovó. Olhos azuis podem ser muito diferentes. Os de mamãe eram da cor do céu em uma manhã de verão, em meio às imensas massas de nuvens brancas. Os cabelos dela formavam ondas douradas e lustrosas, que, naquela noite, haviam sido penteadas para trás; alguns cachinhos estavam presos atrás das orelhas, e uma fileira deles pendia sob a nuca alva. Ela usava um vestido de tafetá amarelo-claro, com uma grande rosa aveludada de um amarelo intenso presa em um dos ombros elegantes. Jane achou que ela parecia uma princesa dourada, com o cintilar sutil do bracelete de diamantes em contraste com a pele acetinada. Vovó havia lhe dado a joia de presente de aniversário, na semana anterior. Mamãe vivia ganhando coisas adoráveis da vovó. Ela também escolhia todas as roupas para mamãe... vestidos, chapéus e echarpes maravilhosos. Jane não sabia que as pessoas comentavam que a senhora Stuart estava sempre arrumada demais; todavia, tinha a impressão de que mamãe preferia roupas mais simples e apenas fingia gostar das coisas luxuosas que vovó lhe comparava para não ferir os sentimentos dela.

Jane sentia muito orgulho da beleza da mãe e deleitava-se ao ouvir as pessoas cochichar: “Ela não é encantadora?”. Ela quase se esqueceu da garganta dolorida enquanto assistia à mãe vestir a echarpe com um rico brocado, da mesma cor dos olhos dela, e uma espessa gola cinzenta de pele de raposa.

– Oh, como você está magnífica, mamãe! – disse, tocando a bochecha dela quando a mãe se abaixou para beijá-la. Era como tocar a folha de uma roseira. E os cílios pareciam leques de plumas repousando sobre o rosto. Jane sabia que algumas pessoas ficavam mais bonitas se admiradas a certa distância; com mamãe, porém, era o oposto.